



Documento padrão para submissão de trabalhos ao
XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Sociedade e natureza nas ondas do rádio na Amazônia: representações e significados

Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom; NP de Comunicação Educativa

Nome do autor: Cynthia Camargo¹

Universidade Estadual de Londrina - mestrado

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a relação sociedade e natureza presente no discurso de alunos e professores de 1^a a 4^a série do ensino fundamental dos municípios de Santarém e Belterra, no Pará. O objeto de pesquisa são as cartas enviadas por eles no período compreendido entre 1999 e 2002 ao programa radiofônico *Para ouvir e aprender*, realizado no âmbito do projeto Rádio pela Educação, uma parceria entre a Rádio Rural de Santarém e as secretarias municipais de Educação daqueles municípios contando com o apoio do Unicef. Buscou-se apreender, nas cartas, o significado da relação sociedade e natureza para esses sujeitos a partir da importância que atribuem a lendas e mitos, de sua visão de mundo, de questões referentes a qualidade de vida e da sua concepção de natureza.

Palavras-chave: Amazônia; rádio; comunicação; natureza.

Introdução

Devido à grande extensão territorial da Amazônia brasileira, aproximadamente 5 milhões de km² (dos quais 4 milhões estão na Região Norte do país) (CAPOBIANCO, 2005)², sua população encontra-se dispersa espacialmente, e isso explica por que ela tem no rádio um instrumento para encurtar distâncias. Nesse sentido, o professor de 1^a a 4^a série dos municípios de Santarém e Belterra, localizados na região oeste do Pará, principalmente aquele do interior, que sente mais dificuldade em realizar seu trabalho de educador, passou a ter um novo aliado através do rádio: o programa radiofônico *Para ouvir e aprender*. Realizado pelo projeto Rádio pela Educação: Uma Estratégia Educacional pelo Desenvolvimento da Amazônia, desenvolvido pela Rádio Rural de Santarém (uma rádio comercial de propriedade da Diocese de Santarém) em parceria com as secretarias municipais de Educação dessas cidades e o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância [United Nations Children's Fund] (Unicef), esse

¹ Jornalista, especialista em comunicação social e jornalismo pela UEPb (2002), mestre em ciências sociais pela UEL (2006). Coordenadora e idealizadora do projeto Rádio pela Educação iniciado em 1999 com a parceria da Rádio Rural de Santarém/PA e das secretarias municipais de Educação de Santarém e Belterra no Estado do Pará e apoio do Unicef, com um público de cerca de 35 mil alunos e 1.100 professores do ensino público fundamental de 1^a a 4^a séries. Fellow da Ashoka Empreendedores Sociais desde out/2003.

² Segundo João Paulo Ribeiro Capobianco, diretor do Instituto Socioambiental, o "Bioma Floresta Amazônia: Composto por grandes extensões de florestas ombrófilas densa e aberta, campinarana, zonas de contatos e savanas, da região Norte do país, possui uma área aproximada de 4 milhões de quilômetros quadrados. Em alguns estudos e publicações sobre a região amazônica, tem sido adotada a área da Amazônia Legal, com mais de 5 milhões de quilômetros quadrados de extensão (CAPOBIANCO, 2005).



programa, desde 1999, dinamiza aulas de cerca de 35 mil alunos e de mais de mil professores. O rádio, que alguns consideram estar perdendo espaço nos grandes centros, revelou-se enquanto meio de comunicação importante para o público do projeto, mesmo aquele da área urbana, mais ligado à televisão.

Em Santarém e Belterra as escolas estão espalhadas em diferentes e peculiares regiões. As situadas nas cidades são denominadas de escolas “urbanas”; as situadas no planalto (zona rural localizada em áreas mais elevadas e longe dos grandes rios) são chamadas de escolas de “planalto” ou de “terra firme”; as localizadas na margem dos rios Tapajós, Curuá-Una, Arapiuns e outros, são as “ribeirinhas”; e as situadas na várzea são designadas de escolas de “várzea”. Essas últimas têm um calendário especial, pois, durante a cheia, época de chuvas na região, a maioria das comunidades nas quais estão situadas fica inundada e, por isso, acompanha apenas parte do projeto. Nessa época, grande parte da população ali residente acaba migrando para outras regiões ou para o centro urbano mais próximo, retornando as suas casas quando as chuvas cessam.

Considerando esse contexto, entende-se a importância do projeto Rádio pela Educação, cujo objetivo é dinamizar, por intermédio do rádio, aulas de professores e alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental das escolas públicas de Santarém e Belterra. Além de professores e alunos, o projeto envolve indiretamente a comunidade desses municípios, uma vez que o programa *Para ouvir e aprender* faz parte da grade de programação da Rádio Rural de Santarém. Músicas, lendas e mitos da região, entrevistas e radionovelas compõem a estrutura do projeto, que distribui, ainda, um guia pedagógico para os professores acompanharem as aulas veiculadas pelo rádio.

Nos seus 30 minutos de duração, o programa *Para ouvir e aprender* apresenta 12 sessões, a maioria tendo como protagonistas professores e alunos de escolas participantes do projeto, os quais se expressam principalmente a partir de entrevistas (o projeto tem um repórter que vai às escolas, para realizá-las) e cartas; além disso, há espaço para a participação de comunitários. São cerca de 50 cartas de alunos e três de professores que chegam ao programa toda semana, e seus conteúdos expressam tanto a realidade vivida como projetos futuros.

Neste trabalho discute-se a questão sociedade e natureza fazendo dialogar pressupostos da comunicação e das ciências sociais. Para tanto, utiliza-se como instrumento de análise do objeto proposto — cartas de professores e alunos participantes do projeto Rádio pela Educação enviadas ao programa *Para ouvir e*



aprender — a análise de discurso francesa (AD), inspirada em Pêcheux (1993), tendo em vista que a linguagem não é transparente, o que significa aceitar que o material empírico no qual este trabalho se apóia também é repleto de significados nem sempre claros. Nesse sentido, é através da análise dos textos desses professores e alunos que podemos ter acesso ao seu discurso.

1. Comunicação e educação: a experiência do projeto rádio pela educação

Muitos projetos e programas se realizam na região amazônica por meio de modelos de desenvolvimento sustentável condizentes com o potencial cultural e econômico de seu ambiente natural e de suas populações tradicionais, mas diversas denúncias mostram que existe muito desrespeito e que nem sempre eles estão alinhados ao desenvolvimento sustentável. No entanto, a Amazônia também desponta nacionalmente por seus aspectos ainda desafiadores para os gestores das políticas públicas e para as organizações sociais não-governamentais, seja devido às grandes distâncias que apresenta e à dificuldade na mobilidade e no transporte, seja pela falta de um programa educacional que atenda às suas necessidades (DIOCESE DE SANTARÉM, 1994).

A Amazônia tem a maior taxa anual de crescimento do país, e 40% de sua população se concentra no meio rural. A maior parte dessa população é jovem e há um grande número de jovens responsáveis pelo sustento de suas famílias. Em 1995, somente 17,2% de seus adolescentes de 15 a 17 anos freqüentavam o ensino médio. Em 1994, do total dos estudantes matriculados no ensino fundamental, 25,7% estavam repetindo o ano. Ainda do total de matriculados, 14,9% simplesmente tinham abandonado a escola (DIOCESE DE SANTARÉM, 1994).

Diante dos desafios que a região enfrenta com as grandes distâncias entre suas cidades, dificuldades de acesso e locomoção, altos custos de serviços e produtos que chegam de outros estados, fragilidade técnica e operacional de seus sistemas públicos de saúde, ensino e assistência social e com baixa densidade demográfica, buscar soluções que garantam uma mudança positiva sustentável da qualidade de vida de suas populações passa pelo uso criativo dos recursos já existentes.

Os habitantes das áreas rurais de Santarém e Belterra apresentam características peculiares, de acordo com a zona de habitação. Na zona rural há basicamente dois tipos de moradores: as populações tradicionais, as quais moram nas margens de grandes e pequenos rios (Amazonas, Tapajós e Arapiuns, entre outros) que cruzam as duas cidades, e que sobrevivem da pesca artesanal, da caça, da extração



vegetal (madeira, sementes, frutos) e de pequenas plantações de mandioca, macaxeira, milho e pimenta do reino; e os moradores das áreas secas, afastadas dos rios: os planaltos e as margens da rodovia Santarém–Cuiabá (que liga essas duas cidades). Esses, em sua maioria, são migrantes de outros estados do Sul, Sudeste e Nordeste (Paraná, Minas Gerais, Ceará, Maranhão, entre outros) e sobrevivem de pequenas criações, pequenas plantações, da caça e da extração vegetal.

Essas comunidades são compostas, também em sua maioria, por grupos de 50 a 100 famílias, com uma média de seis pessoas por família, quatro das quais em geral têm menos que 30 anos. Na época em que a pesca não está proibida e na época do plantio e da colheita, é comum alunos evadirem-se da escola para ajudar a família no trabalho.

Na área urbana, em Santarém, a população (com fortes características indígenas) tem miscigenação com grupos de migrantes brasileiros sulistas e nordestinos, japoneses, norte-americanos, árabes e portugueses, e vive do comércio e de serviços locais, trabalhando nas instituições públicas municipais e estaduais e participando intensamente da vida organizada da sociedade local, em associações e ONGs. Em Belterra, a maioria dos habitantes é constituída por funcionários públicos ativos e inativos (do Ministério da Agricultura e de instituições governamentais do estado) e por comerciantes em geral, e começou a pouco tempo a discutir a gestão pública do município e a atenção que seu território atrai, tendo em vista a vizinhança com a Flona do Tapajós, o que desperta o interesse mundial de multinacionais e de grandes empresas do setor madeireiro.

Nos dois municípios, a maioria das escolas localiza-se na zona rural: em 2000, do total de 416 escolas existentes na rede pública municipal de ensino de Santarém, 367 estavam localizadas na zona rural (OLIVEIRA, 2002); em 2003, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o total de alunos matriculados de 1ª a 8ª série (ensino fundamental) era 68.131 (IBGE, 2005a). Em Belterra, em 2000 eram 56 escolas, das quais 52 na zona rural (OLIVEIRA, 2002). Pelos dados do IBGE, em 2003 os alunos matriculados no ensino fundamental somavam 3.958 (IBGE, 2005a). Tanto em Santarém como em Belterra, muitas escolas ainda não apresentam o padrão mínimo de qualidade exigido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), pois funcionam em prédios alternativos como o galpão comunitário, coberto de palha ou cavaco, sem piso cimentado ou banheiros próprios.

A desistência dos alunos, o acúmulo de atividades com o qual se deparam os professores, a distância entre a casa e a escola e a falta de consciência dos pais sobre a importância do estudo na vida de seus filhos provocaram uma grave crise no processo educativo da região: adolescentes de 14 a 16 anos ainda estão nas séries iniciais, ao lado de crianças bem menores, resultando no fenômeno de muitas classes multisseriadas (uma turma única agrupando todas as séries, orientadas por um professor)³, gerando dificuldades, falta de confiança e desestímulo para os professores e os próprios alunos. Além disso, as classes multisseriadas também são responsáveis por grande parte da reprovação nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Avalia-se que o professor também não tenha, nessa realidade, condições de acompanhar diretamente todos os alunos, devido à diversidade de atividades que realiza.

Além desses problemas, os gestores municipais da Educação lidam com outros fenômenos que causam impacto no desenvolvimento de seu trabalho: os elevados índices de repetência e evasão escolar, a baixa auto-estima dos professores — os quais demandam mais estímulo e oportunidade para exercitar sua criatividade e serem reconhecidos —, a falta de acesso das comunidades escolares a recursos pedagógicos simples como livros e jornais, o baixo poder aquisitivo das famílias, a baixa (ou nenhuma) escolaridade dos pais, a distância e localização das escolas (dificultando o acesso), o período das chuvas (que alaga boa parte do território e força grande número de famílias a viver sobre as águas ou a se mudar para as áreas secas, só retornando para suas casas originais quando os rios secam).

A despeito das dificuldades, vários atores sociais continuam determinados a enfrentar os desafios locais, buscando garantir a eficiência do ensino. Cada vez mais, a sociedade local, as instituições governamentais e as não-governamentais reconhecem a importância de melhorar a qualidade da educação em diferentes áreas na Amazônia.

Para garantir o investimento em educação, Santarém e Belterra buscam ser municípios que possam contribuir na formação de suas gerações mais jovens. Nesse sentido, estão apostando na aliança da escola pública com o rádio, maior veículo de comunicação e intercâmbio cultural da região, ampliando, assim, a

³ Vale ressaltar que as classes multisseriadas são usuais na região rural dos municípios da Amazônia. Como as comunidades se distanciam umas das outras, a solução encontrada pelos gestores educacionais é que apenas um professor leccione para turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, cada classe contendo cerca de 20 a 30 alunos, diminuindo os custos de remuneração do professor. Esse é um grande desafio para o professor, que deve estar muito bem preparado e ter bastante criatividade para desenvolver suas atividades nessas classes.



capacidade de propor estratégias criativas para uma educação de qualidade chegar ao maior número de pessoas possível.

Percebe-se a vocação radiofônica brasileira quando se compara o número de emissoras de TVs e o de emissoras de rádios: são dez grandes redes de televisão no país e aproximadamente três mil estações de rádio comerciais licenciadas. Além disso, estima-se que existam cerca de mil rádios comunitárias em todo o país e cerca de cinco mil estações operando em baixa potência⁴. Com a nova regulamentação para rádios comunitárias e a ampla difusão do direito de uso do veículo rádio pelas comunidades, associações e grupos locais, estima-se que esse número aumente consideravelmente nos próximos anos. Em relação à Amazônia, nela existem quase 200 emissoras de rádio (a grande maioria, comerciais), algumas (poucas) com grande cobertura geográfica de audiência, chegando a atingir mais de um estado e alcançando até mesmo outros países da Bacia Amazônica.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 2003, 87,8% dos lares brasileiros têm aparelhos de rádio, enquanto que os aparelhos de televisão chegaram em 90% deles (IBGE, 2005b). Porém, essa estatística não retrata os dados rurais. Na Amazônia, no meio rural, os domicílios com rádio são proporcionalmente mais numerosos do que aqueles com TV, uma vez que a falta de energia elétrica e a distância geográfica contribuem para isso.

1.1 Comunicação Dialógica: Novos Paradigmas nas Relações Humanas

Os meios de comunicação, além de informar e entreter, vêm sendo cada vez mais utilizados na educação. Há uma busca freqüente de inovações como reforço didático-pedagógico para as atividades e conteúdos desenvolvidos em sala de aula, visando estimular alunos e professores de diversas formas. Na Amazônia, esse esforço é muito maior, uma vez que as dificuldades de comunicação são agravadas pela distribuição geográfica e demográfica desiguais (lembramos que sua extensão territorial é de aproximadamente 5 milhões km² e parte da população vive longe dos grandes centros). Nesse contexto, o rádio desempenha papel fundamental, interligando populações diversas através de suas mensagens, trazendo o longe para perto. No dizer do caboclo, “encurtando a distância”.

Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (1978), já defendia o princípio de que a tessitura das relações sociais é mediada pela comunicação. Para ele,

⁴ De 2003 até novembro de 2004 foram aprovadas 1.521 licenças de novas rádios comunitárias; 79, de retransmissoras de televisão; 224 outorgas de rádios e TVs comerciais e educativas (BRASIL, 2005).



refletir sobre os meios de comunicação social é uma exigência para desenvolver técnicas de aprendizagem. Quanto mais intensa for a comunicação, maior será a interação e mais livres serão as pessoas envolvidas. Freire acredita que “quanto mais cedo comece o diálogo, mais revolução será [...]”⁵ (FREIRE, 1978, p.149), porque em uma sociedade que nega o diálogo por meio da dominação política e econômica será mais difícil acreditar na prática da educação dialógica ou da pedagogia da comunicação. Quanto mais informação o cidadão tiver, mais condições ele terá para optar.

A educação é um processo que transcende a escola e se prolonga com o homem em situação, evidenciando a comunicação (FREIRE, 1967). Por meio do seu trabalho, Paulo Freire propõe que haja respeito mútuo entre educador e educando, pois a educação é uma experiência de “criação e recriação da própria vida”. Ele dizia que, ao vivenciar determinada experiência, tínhamos que utilizá-la como um ponto de referência para interagir com outros pontos de referência (FREIRE apud CALADO, 2000).

Aliar um meio de comunicação à educação é uma alternativa para construir um novo modelo de relações sociais. No caso do projeto Rádio Pela Educação, o intercâmbio de informações educativas e sociais, a partir de uma rádio comercial, apresenta-se como um trabalho de educação alternativa ou popular, uma vez que tanto professores quanto alunos e comunitários têm direito a uma comunicação ativa, pois também são sujeitos da comunicação, não apenas receptores, e podem iniciar discussões a partir de problemáticas e demandas peculiares. Nesse sentido, a comunicação popular dá vez e voz ao seu público e, principalmente, preserva sua cultura, provocando transformações na consciência (NEUMANN, 1990). É uma comunicação complementar, que não está ligada a nenhum interesse dominante; está a serviço do cidadão. Outro fator importante na educação popular é o estímulo à criatividade das novas gerações. Conforme Neumann (1990, p. 61), a educação informal deve ser entendida

[...] como sendo um processo de ensino-aprendizagem que acontece de forma natural, espontânea, na medida em que o grupo popular dialoga, discute, participa, toma decisões, se envolve, se organiza e luta por suas necessidades e seus interesses. [...] educação que se faz fazendo, [...] reservando constantes surpresas, tanto positivas, quanto negativas. [...] não significa que não tenha um plano de metas, uma organização com revisão constante dos resultados e das metodologias empregadas.

⁵ Revolução no sentido de que uma população com mais acesso à educação tem uma visão muito mais crítica da realidade vivida.

Ao interpretar esse texto de Neumann é preciso levar em conta que o incentivo ao “diálogo entre os alunos leva-os a exercerem a convivência, a expressão, a socialização e o respeito às diferentes idéias. [...] o próprio professor precisa exercitar-se nessa atividade” (FREIRE, 1999, p. 25). Dessa forma, o professor pode discutir assuntos relevantes com os alunos sem que isso seja considerado “enrolação” ou perda de tempo, pois quanto mais experimentos existirem entre educador e educando maior será a comunhão de mensagens. Isso contribui para o enriquecimento e o aumento da capacidade crítica dos alunos, que poderão visualizar quais as melhores alternativas na sua vida.

A tradição oral do homem do interior, principalmente da Amazônia, integra-se perfeitamente às ondas do rádio. É desse veículo, que fala, que ele escuta e retransmite a mensagem; desde cedo o amazônida aprendeu a escutá-lo e até conversa com ele (MONTEIRO, 1996). Segundo Monteiro (1996, p. 95), “nenhuma criança chega totalmente vazia à escola, muito menos os filhos dos habitantes das zonas rurais”; e o incômodo na educação tradicional é a opressão à escrita, pois “a escola fala em textos livres (puro discurso), mas proíbe textos livres como representação da escrita da melhor maneira que o homem é capaz de conseguir”. Nas escolas tradicionais os textos são sempre os de fora; não há aproveitamento da riqueza da cultura local. Nesse sentido, as histórias narradas pelos mais velhos podem servir como fonte de uma educação mais integrada. A partir da apresentação de mitos locais, professores podem trabalhar os conteúdos de Português, Ciências e outras matérias com muito mais envolvimento e interesse dos alunos. Esses, por sua vez, vão aprender por meio de construções conhecidas, já que estão inseridos numa concepção de mundo — a do imaginário coletivo, que se reporta aos mitos continuamente.

Assim, a utilização do rádio deve ser percebida como um recurso a mais na escola, que é o lugar formal da educação; sua função não é substituí-la, mas auxiliar e “facilitar o processo de aprendizagem, ampliando e melhorando [...] as próprias dimensões da escola e da educação formal” (ROCCO, 1999, p. 61). E é dessa forma que o projeto Rádio Pela Educação está inserido na sala de aula, como um coadjuvante para ajudar a dinamizar as aulas de professores e alunos.

Como visto no item anterior, no Estado do Pará a escola pública ainda não conquistou uma educação de qualidade. Os índices de reprovação, evasão e repetência são assustadores e desacreditam qualquer cidadão. De acordo com o Censo Educacional de 2000 (OLIVEIRA, 2002), de cada dez crianças brasileiras na 1ª série,



quatro são reprovadas. No Pará, de cada dez crianças, esse índice sobe para seis, significando que 60% das crianças deixam de desenvolver seu processo de aprendizagem.

Segundo a avaliação técnica do projeto Rádio Pela Educação, em 2001 essa ainda era a realidade em Santarém (OLIVEIRA, 2002), conforme se pode observar pelos dados referentes à defasagem idade-série do município no ensino fundamental: para a 1^a, 2^a, 3^a e 4^a série, os índices são, respectivamente, 20,5%; 37,1%; 46,5%; e 50,8%. Para a 5^a, 6^a, 7^a e 8^a série, os índices são, também respectivamente, 66,1%; 62,6%; 61,2%; e 79,0%.

Em Santarém a situação educacional exige mais investimentos do poder público, no que diz respeito a um atendimento que tenha como meta o sucesso escolar. Os índices de defasagem idade-série agravam-se a cada ano/série percorrida, como se vê pelos índices, o que demonstra que muitas perdas se deram, seja por reprovações sucessivas, abandonos periódicos ou outros motivos que podem fugir ao controle dos gestores educacionais. E mostra o quanto há que se fazer para garantir o acesso e a permanência na escola com índices qualitativos.

Oliveira (2002) aponta que é necessário, na gestão da escola democrática, torná-la um lugar prazeroso, acreditando que os profissionais do ensino sejam agentes culturais em nome de um projeto educativo reflexivo, construtivo e inclusivo — uma das preocupações de Paulo Freire.

1.2 A Opção pelo Rádio

Uma aliança da escola pública com o rádio ampliaria a capacidade de propor estratégias criativas para uma educação de qualidade alcançar maior abrangência.

Por utilizar apenas um canal de comunicação, o auditivo, o rádio transforma-se em um grande aliado das pessoas, uma vez que o ouvinte não precisa saber ler nem escrever para entender o que está sendo transmitido. E, para a realização de um trabalho educativo, nada melhor do que utilizar um meio conhecido por todos — apesar de “esquecido”, uma vez que as novas tecnologias como a TV e o computador, entre outras, vêm abrindo cada vez mais espaço no processo educativo. É preciso frisar que as novas tecnologias são utilizadas de forma peculiar, uma vez que nenhum meio de comunicação substitui outro.

No Brasil, os programas radioeducativos iniciais eram destinados a diminuir as deficiências constatadas nas estruturas pedagógicas existentes; eram



realizados para substituir parcialmente aqueles professores não-qualificados com a forma e o conteúdo do ensino tradicional (IPEA/IPLAN, 1976). Na região do baixo Amazonas, especificamente em Santarém, a escola radiofônica iniciou suas atividades por meio do Movimento de Educação de Base (MEB), ainda na década de 1960, com a alfabetização de adultos.

Sabe-se que vários outros projetos que utilizam o rádio como instrumento de educação vêm ajudando a transformar a vida escolar. Por exemplo, o programa *Escola Brasil*, levado ao ar todos os dias em cadeia nacional pelas rádios Nacional de Brasília e Nacional da Amazônia, vem ajudando professores, alunos e comunitários a melhorarem o ensino e até mesmo a lutarem pelo direito de ter escola. O programa *Carretel de invenções* utiliza a linguagem do rádio como instrumento pedagógico em sala de aula, tornando as aulas mais criativas, dinâmicas, participativas, divertidas e produtivas (AMEPPE, 1999).

Segundo Lopes (1990, p. 20), no Brasil, os meios de comunicação de massa (MCM) foram transformados

[...] em meios por excelência de interpelação das massas. Interpelação que procedia sem dúvida do Estado populista, mas que não pode obscurecer o fato de que os MCM se tornavam meios cada vez mais eficazes (em relação à escola, por exemplo) à medida que as massas reconheciam nos conteúdos veiculados algumas de suas demandas mais básicas e a presença de seus modos de expressão.

Isso indica que, a partir do momento em que os MCM passam a dar vez e voz aos ouvintes e telespectadores, tornando-os parte ativa da sua programação, as mensagens apresentadas são melhor decodificadas e reconhecidas pelo público e, dessa forma, passam a estabelecer um diálogo intercultural. É importante ressaltar essa dimensão porque, em geral, os MCM são unilaterais; os programas são feitos para atender ao mercado e não para atender as necessidades sociais dos desfavorecidos. A questão central nas discussões sobre essa participação popular é a política de concessão dos meios de comunicação, que atende apenas aos interesses dos privilegiados, portanto, necessária sua democratização. No Brasil, ainda hoje luta-se pela democratização dos MCM, uma vez que os oligopólios da comunicação continuam a exercer a mesma política ideológica que retrata Freire (1982): a “cultura do silêncio”.

Nesse sentido, Paiva (1998, p. 58) entende a comunicação comunitária como uma possibilidade de reforçar uma das facetas a que se refere a comunidade:

[...] a das relações de pertencimento entre seus membros e o poder reivindicatório, que se instala a partir da informação numa ótica programática, não com um propósito promocional, mas de melhoria da condição de vida do indivíduo.

O sentido de signos presentes no discurso é partilhado pela comunidade, que estrutura a linguagem, constituindo assim a comunidade lingüística.

Uma visão otimista do rádio se dá devido aos seus aspectos qualitativos. Enquanto o jornal exige, para seu consumo, determinado hábito cultural e, antes de tudo, capacidade de leitura, o rádio pode servir para elevar o nível cultural de toda a população (CAPARELLI, 1986). Outra razão, segundo Caparelli (1986), é que o rádio pode transformar-se num gigantesco sistema de canais que colocaria os homens em relação uns com os outros, transformando-se em agentes ativos, onde as pessoas passariam a ser não só ouvintes, mas protagonistas da programação e utilizariam esse meio de comunicação para tratar de problemas regionais ou locais.

Ainda segundo Caparelli, além do entretenimento, o rádio preencheu outras funções, como a do desenvolvimento de uma consciência social; e sua regionalização cada vez maior, em termos de conteúdo, seria uma das formas de impedir a destruição dos valores rurais e sua descaracterização cultural.

O rádio [...] é o veículo mais apropriado para ressaltar e reforçar os valores culturais das zonas rurais. [...] Em termos de potencialidade o rádio é o mais privilegiado. Primeiro: não necessita que o ouvinte seja alfabetizado; é mais abrangente, a TV não atinge áreas rurais por causa da deficiência de eletrificação enquanto o transistor permite a captação das emissões nos pontos mais afastados do país. Estas potencialidades poderiam fazer do rádio um instrumento informal de educação, e que até agora permanece como potencialidade, apesar de raras exceções. (CAPARELLI, 1986, p. 86-87)

Para Luyten (1981), a regionalização do rádio é uma tendência que volta a ser seguida, uma vez que uma programação, enfatizando os problemas locais, faz o ouvinte apreciar aquilo que lhe é familiar.

O conceito antropológico de comunicação identifica os meios de comunicação não apenas como veículos de bagagem cultural por parte do indivíduo, mas também como instrumentos formadores de cultura. Com seu apelo da fala direta com o público — o contato íntimo entre o ouvinte e o locutor —, o rádio cria a oportunidade para uma identificação mútua com a população, integrando-se à rotina



cotidiana do ambiente familiar da comunidade, com grande potencial de mobilização, divulgação e educação (FREIRE, 1982).

Justamente pelo seu poder de penetração nas áreas rurais — grande parte delas sem acesso à energia elétrica — e pelos custos mais baixos em relação a outras mídias, é que o rádio é o principal meio de comunicação utilizado na Amazônia, justificando-se seu grande potencial de parceria com a, e pela educação.

Enquanto a televisão necessita de energia elétrica ou adaptação a uma bateria, e telespectadores estáticos, vendo e ouvindo o que está se passando na tela, o rádio pode ser ouvido inclusive enquanto realizamos alguma tarefa, além de poder ser levado com facilidade de um lugar para outro, diferentemente daquela.

Considerações finais

Dá para imaginar a importância de desenvolver um projeto como o Rádio pela Educação numa região em que as pessoas têm dificuldade em transpor distâncias, em que as escolas são, como as crianças dizem, de palha, improvisadas, e boa parte dos professores é leiga. Numa perspectiva educativa e de trocas interculturais — que não é realizada na maioria das nossas escolas —, também dá para imaginar o quanto ele pode ganhar de legitimidade junto a essa população e o quanto significa romper o paradigma da escola colonizadora, possibilitando o diálogo através do programa *Para ouvir e aprender*.

Acredita-se que antes do projeto não havia um canal direto de integração entre escola-comunidade-Secretaria de Educação. Alunos e professores estavam mais isolados, tanto pelas grandes distâncias geográficas como pela falta de diálogo com integrantes da rede municipal de ensino; não tinham influência ou participação na construção dos conteúdos das aulas e o processo de educação era vertical. Em relação à comunidade como um todo, a visibilidade da escola, através do programa, fez com que a participação dos pais na vida escolar de seus filhos se tornasse maior, extrapolando a educação entre quatro paredes.

As cartas possibilitaram, a partir das quatro categorias eleitas para a análise, apreender o que os mitos e lendas locais, herança de seus ancestrais, representam em suas vidas; como apresentam seus significados e representações sobre as relações homem-mundo (visão de mundo). Permitiu ainda identificar questões sobre qualidade de vida e perceber o significado que a natureza tem para essa população.

Os mitos e lendas constituem figuras vivas de um universo simbólico que não precisa ser necessariamente reduzido a uma explicação lógico-formal, porque



são entendidos dentro desse universo. A importância da ancestralidade e as especificidades socioculturais dessa população evidenciaram os saberes provenientes da tradição oral, os quais inclusive constituem pontes entre os professores e os alunos. Quando *o boto* engravida as meninas, reflete uma cosmologia em que a cultura é inseparável da natureza, mesmo porque, a exemplo dessa lenda, os seres naturais se transformam em seres humanos. Em várias cartas foi apontada a importância do mito em suas vidas.

Ainda, presume-se que a partir do momento em que comunitários foram à rádio contar lendas e mitos da região, ou quando professores e alunos começaram a contá-las através das cartas, a questão da ancestralidade foi reafirmada. Houve (também pelos de fora, caso dos produtores do programa Para ouvir e aprender e ouvintes), um reconhecimento dos saberes próprios deles, da sua importância, o que reforça e contribui para alimentar os pertencimentos socioculturais. Quando narram os mitos, nas cartas, eles estão dizendo: isso é nosso, nosso conhecimento, nosso saber, e nós respeitamos isso.

Quanto à visão de mundo, é importante ressaltar que se tratam de populações culturalmente diferenciadas, que advêm de ancestrais indígenas e africanos e ainda carregam marcas desses pertencimentos. Assim, a visão de mundo que as cartas apresentam retrata sujeitos culturalmente situados e aspectos culturais muito próprios — destacando-se desde a linguagem escrita, passando pelas concepções de escola, futuro e natureza. Não há distinção entre o social e o cultural, enquanto a cultura ocidental faz isso. As raízes presentes nesse universo cultural compõem duas formas distintas e combinadas de socialização: uma que se dá pela via dos mitos e lendas como parte do patrimônio cultural; e outra, que se insere na realidade do mundo capitalista. Seus saberes e fazeres já foram comprovados pelo tempo e pela experiência, de modo que extrapolam qualquer cientificismo cartesiano.

Apesar de evidenciados, nas cartas, valores introjetados pelo sistema positivista de ensino, os alunos sentem a possibilidade de mostrar o seu conhecimento e apontam suas idéias e valores que acreditam poder contribuir para a educação: acreditam que têm potencial para interferir na realidade vivida. Enquanto que os professores, ao intercambiar (pelas cartas) suas propostas de trabalho, acreditam estar contribuindo para uma melhor integração da realidade em que vivem. Nota-se a importância dada à educação para o futuro das pessoas e da comunidade, ressaltando que é preciso se esforçar para obter tal educação



A qualidade de vida está, nas representações desses sujeitos, ligada à preservação da natureza, quando falam das árvores em extinção (e que estão plantando mais) e quando comparam os animais ao homem (aqueles, como esse, têm direito à vida), demonstrando consciência ecológica e enaltecendo um ambiente livre de poluição.

Também demonstram consciência social e política quando denunciam as suas condições precárias de existência, ou seja, ao revelarem o descaso das autoridades em relação às escolas, à saúde, ao transporte, o que vai contra a premissa de que a viabilidade das ações voltadas à população deveria estar pautada no conhecimento da realidade das comunidades.

Percebe-se a importância da natureza na realidade vivida. As cartas enviadas ao programa, tanto por alunos como por professores, vêm reafirmar isso. E mais: os mitos e lendas, visão de mundo e qualidade de vida retratam a força educativa que a natureza tem junto aos comunitários. As crianças crescem aprendendo a respeitar as forças naturais. Portanto, o universo de socialização está imbricado ao mundo fantástico e natural, e esse último tem valor educativo para estabelecer relações de proximidade homem-natureza.

Na relação sociedade e natureza existe respeito, não dominação da primeira sobre a segunda. Embora estejam inseridos em um mundo que é predominantemente capitalista, existem especificidades culturais que se pautam por formas cuja racionalidade não é cartesiana. As relações com a natureza são horizontais, de reciprocidade, de troca mútua, de solidariedade. Seus conhecimentos, acumulados no trajeto de uma longa história, é que permitem uma relação de paridade com a natureza. Essa população, em sua cosmologia, entende a natureza como inseparável da cultura: o mundo cultural criado pelos homens é inseparável do mundo natural.

A análise pretendida neste trabalho se dá conta da importância da natureza na vida dos moradores da região. A interculturalidade demonstrada em seus discursos leva a refletir acerca da cultura local e sua projeção no âmbito nacional. Com regras da ancestralidade e do direito consuetudinário, buscam encaminhar suas vidas integrando-se às futuras gerações.

Referências bibliográficas

AMEPPE. *Carretel de invenções: o prazer de aprender com a linguagem do rádio na escola*. Belo Horizonte, 1999.



- CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Tecelão da utopia: uma leitura transdisciplinar de Paulo Freire*. Caruaru: Fafica, 2000.
- CAMARGO, Cynthia F. *O rádio como instrumento de educação em sala de aula (o caso do projeto Rádio pela Educação)*. Santarém: UEPb, 2002. [mimeo]
- CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro. *Situação dos biomas brasileiros*. Introdução - a diversidade ambiental brasileira. Disponível em: <<http://www.ebape.fgv.br/cids/NOVO%20DEBATE%20BiomasCapobianco.html>>. Acesso em: 8 dez. 2005.
- DIOCESE DE SANTARÉM. *Projeto Rádio Pela Educação – uma estratégia criativa de educação pelo desenvolvimento*. Santarém: Diocese de Santarém/ Semæd-Stm, Semed-Belterra, Unicef. 1999.
- FREIRE, John Wesley. O que fazer com a mídia? In: FIGUEIREDO, Vera Follain de (Org.). *Mídia e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- IBGE–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 13 abr. 2005a.
- IPEA/IPLAN. *Rádio educativo no Brasil: um estudo*. Brasília: Ipea, 1976.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. *Comunicação e aculturação: a colonização holandesa no Paraná*. São Paulo: Loyola, 1981.
- MONTEIRO, Ierecê Barbosa. ... *Favor transmitir ao destinatário* (uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas). Manaus: Ed. da Univ. do Amazonas, 1996.
- NEUMANN, Laurício. *Educação e comunicação alternativa*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro de. *Relatório técnico projeto Rádio Pela Educação*. Belém: Unicef, 2002. [mimeo]
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. Análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1993
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Televisão e educação: um canal aberto*. In: FIGUEIREDO, Vera Follain de. (Org.). *Mídia e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.